

VAI-VAI E UM PRIVILÉGIO QUE NÃO É PRA QUALQUER UM: PROTEGIDO E ABENÇOADO POR OGUM

DOI
10.11606/issn.2525-3123.
gis.2022.185718

DOSSIÊ RELIGIÕES: SUAS IMAGENS,
PERFORMANCES E RITUAIS

FELIPE DIAS CANDIDO

Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, SP, Brasil, 07252-312 – poscienciassociais@unifesp.br

ORCID
<https://orcid.org/0000-0002-8942-3688>

RESUMO

Esse artigo apresenta uma breve visão a respeito da influência religiosa que a Escola de Samba Vai-Vai tem em seu cotidiano e transmite aos seus integrantes. Tais referências vão desde as católicas europeias, até as afro-diaspóricas, em especial a devoção que a agremiação tem com relação à Ogum, orixá regente da escola. Essa forma de expressar a fé, tão própria da escola de samba, festiva e sincrética – mas ainda assim, sagrada –, faz parte do dia a dia da escola, e festas votivas fazem parte do calendário anual da agremiação. Mas não é só. Nos desfiles de carnaval – momento de maior visibilidade que as agremiações têm ao longo do ano – essa religiosidade também se evidencia, com representações de divindades aparecendo nos cortejos, com destaque às representações de Ogum, que apareceram com mais frequência, nos desfiles dos últimos anos.

PALAVRAS-CHAVE

Afro-religiosidade;
Candomblé;
Escolas de samba;
Carnaval; Ogum.

ABSTRACT

This article presents a brief overview of the religious influence that the *Escola de Samba Vai-Vai* has in its daily life and transmits to its members. Such references range from the European Catholic ones to the

KEYWORDS
Afro-religiosity;
Candomblé;
Escolas de samba;
Carnival; Ogum.

Afro-Diasporic ones, especially the devotion that *the escola de samba* has in relation to Ogum, the *Vai-Vai's orixá*. This profane way of expressing faith is part of the *Vai-Vai's* routine, and votive parties are part of the institution's annual calendar. But that's not all. In the carnival parades - the moment of greatest visibility that the *Escolas de Samba* have throughout the year - this religiosity is also evident, with representations of yorubás deities appearing in the parades, especially representations of Ogum, which have appeared more frequently recent years.

INTRODUÇÃO

O Vai-Vai¹, escola de samba da capital paulista, fundada em 1930, é uma das mais tradicionais agremiações do carnaval de São Paulo e do Brasil. Com uma trajetória marcada pela influência religiosa de diversas origens, a escola localizada no Bixiga – tradicional bairro localizado na região central de São Paulo – transita entre santos e orixás.

Estabelecida em um bairro com forte presença de imigrantes italianos – e católicos – os negros que se estabeleciam na região precisavam se integrar à realidade do local par, e acabavam se aproximando da religiosidade europeia e cristã, mesmo que ainda continuassem a cultuar as divindades de suas terras natais ou de seus ancestrais. Assim, como forma de resistência, sobrevivência e manutenção de sua fé, o sincretismo religioso deu o tom para o estabelecimento dos grupos negros no Brasil.

E como para os negros festa e fé nunca foram desassociados, o carnaval e as escolas de samba encontraram no Brasil uma forma viva e pulsante de relacionar esses dois elementos tão importantes da condição humana.

Os vínculos entre o sagrado e o profano podem ser observados, numa perspectiva mais densa, em práticas sociais como o carnaval, cujas origens, articuladas de diferentes maneiras em várias culturas, acentuam o sentido polimórfico que o caracteriza. O carnaval, por causa da dimensão ritual, inaugura um tempo específico para a sua manifestação. Trata-se do tempo cíclico, que rompe a linearidade do tempo histórico e possibilita a reconstituição – ainda que passageira – do universo social através de novas regras. Essas regras invertem e transgridem as que vigoram no cotidiano e são responsáveis pela instauração de uma teia heterogênea de realizações e significados. Isso quer dizer que, de antemão, é necessário pensar o carnaval a partir de sua pluralidade, fato que abre espaço para os conflitos e negociações entre os valores do sagrado e do profano. (Pereira 2004, 44).

E por mais que no Vai-Vai se diga amém, e a escola celebre santos católicos, como São Benedito, Cosme e Damião e tenha uma relação estreita com a

1. Segundo o site oficial da agremiação: "A escola sempre deve ser tratada no masculino 'O Vai-Vai', em referência ao Grêmio Recreativo, evolução do Cordão". Disponível em <https://www.vaivai.com.br/sobre/> Acesso em 29/04/2021.

Paróquia de Nossa Senhora Achiroita – padroeira do bairro onde a escola está localizada –, há muito *axé* percorrendo a agremiação do Bixiga. *Axé*, em linhas gerais, pode ser traduzido como “energia vital”. Mas no sistema filosófico do Candomblé, ele é muito mais que isso.

O *Axé* é constituído a partir do movimento interativo, interdependente e inter cruzado da contração entre dois lugares coexistentes: o *Orun* – mundo metafísico sem limites o universo espiritual e ancestral e o *Ayê* – mundo físico com limites o universo natural e humano. O *Axé* é partilhado entre os mundos, entre as formas e entre os mundos e as formas. O *Axé* é trocado, dividido e restituído em movimento de circularidade contínua. O *Orun* coabita no *Ayê*, o *Axé* como energia vital é um “sangue ancestral” (Faislon e Benedicto 2020, 19).

Com essa visão cosmogônica, é compreensível que todo ser que habita o *Ayê*, tenha o seu *Axé*, que integra, se conecta e interage com os *axés* de tudo que há em volta. Seres humanos ou não-humanos, animais, vegetais, inertes ou animados. Todos colaboram para que o equilíbrio entre o *Orun* e o *Ayê* se mantenha, através da movimentação do *Axé*.

Além do aspecto religioso, no Brasil, o *axé* se torna marcador, também de identidade. As expressões “ser do *Axé*”, “Casa de *Axé*”, “feito no *Axé*”, entre outras, são comumente proferidas pelos praticantes de religiões afro-diáspóricas, e se referem a um local de orgulho e resistência, frente às demais denominações religiosas, em sua maioria de origem europeia e dominante na cultura social.

E o principal *axé* que sustenta o Vai-Vai é do orixá Ogum, o grande herói civilizador do povo yorubá, senhor dos metais, da guerra e dos avanços tecnológicos, que chega à agremiação – juntamente com Exu – na década de 1970, através das mãos de uma yalorixá, que faz com que o espaço físico da quadra da escola fosse, ritualisticamente, consagrado e se tornasse um local também de culto.

Quando a escola passa a ser presidida por Neguitão, na década de 2010, Ogum ganha ainda mais destaque e passa a ser, formalmente, considerado o padroeiro da agremiação e sua presença se torna uma constante nas festas, rituais e desfiles do Vai-Vai.

E neste caminho, entre a festa e a fé, que o Vai-Vai segue seu trajeto. E como a escola é “a alma negra do Bixiga”², um local de resistência de identidade e cultura afrodescendente, na visão (e fé) de seus integrantes,

2. Trecho do samba-enredo “Quilombo do Futuro”, que embalou o desfile de 2019 da escola Vai-Vai. Compositores: Edegar Cirillo, Marcelo Casa Nossa, André Ricardo, Dema, Gui Cruz, Rodolfo Minuetto, Rodrigo Minuetto e Kz.

componentes e torcedores, é Ogum quem vem à frente, guiando esses passos, enchendo de *axé*.

VAI-VAI: ENTRE SANTOS E ORIXÁS

No início do século XX, quando os centros urbanos do Brasil ainda estavam se desenvolvendo, os negros recém-libertos - que estavam sendo gradativamente substituídos por mão-de-obra de imigrantes nas grandes fazendas dos centros rurais, num movimento de “branquear” o país, além de serem mãos-de-obra mais baratas (Souza, 2005) - não contavam com nenhum apoio institucional para seu estabelecimento, e acabaram ficando com poucas opções de trabalho

a maioria dos negros e mestiços foi mantida nos segmentos mais desfavorecidos da população, não só pela precariedade das oportunidades oferecidas para a sua educação e aprimoramento profissional, como também pela preferência por pessoas de pele mais clara para ocupar os melhores cargos no mercado de trabalho. (Souza 2005, 142-143).

Assim, os negros - tanto da capital, quanto os que vinham de cidades do interior - passaram a ocupar a área central de São Paulo, a região industrial e comercial da cidade, onde poderiam encontrar, além de pequenas oportunidades de trabalho, opções de moradia a baixo custo. Dentre esses bairros estavam Barra Funda, Baixada do Glicério e, um em especial, o Bixiga, ou como veio a ser conhecido mais tarde, Bela Vista.

E é justamente no Bixiga - que foi sendo formatado enquanto bairro a partir de 1879, com a chegada e o estabelecimento de imigrantes italianos - onde está, há mais de 90 anos, a sede do Grêmio Recreativo, Cultural e Social Escola de Samba Vai-Vai. Ou simplesmente, Vai-Vai, uma das agremiações carnavalescas mais importantes do Brasil. Fundada em 1930 por jovens negros e pobres - com grande influência do samba de bumbo, ou samba rural, tão presente nas festividades católicas do interior do estado, em especial, nas celebrações em honra a Bom Jesus, na cidade de Pirapora -, representa até hoje um território de resistência da cultura de origem afro.

E mesmo com a chegada e permanência dos negros na Bela Vista, ainda eram os italianos que determinaram muito da configuração do bairro, inclusive sobre a sua religiosidade. Dentre as festividades sagradas que aconteciam no bairro, estava a Festa de Nossa Senhora Achiropita, que até os dias atuais enche as ruas do bairro com os aromas e a fé diretamente vindos da Itália.

Em uma visão estereotipada do bairro, acredita-se que o Bixiga era um referencial de convivência e integração racial, com italianos e negros vivendo harmoniosamente, mas a realidade não era bem essa

Os italianos pobres, somente em caso de necessidade aceitavam morar nos cortiços junto aos negros. Apesar de manterem relações amistosas, italianos e negros muito raramente definiram relações de casamentos. As relações eram muito mais de ‘senhor e servo’, permeada pelo paternalismo mais do que verdadeiramente pela integração étnica e social (...) (Sccarlato 1988, 71)

Assim, com a iminente tensão entre os moradores da região, a divisão também era física e espacial. Os italianos habitavam as áreas mais “nobres” do bairro, enquanto os negros ficavam com as áreas mais íngremes ou mais ao fundo do vale da Saracura, áreas que, não raramente, alagavam com as chuvas e cheias do rio.

E essa pequena área menos nobre do bairro foi se tornando um referencial para os negros da região, e também das áreas vizinhas. O território do Bixiga, ganha ares de quilombo, “aquilombou-se”

(...) aquilombar-se, ou seja, organizar-se contra qualquer atitude ou sistema opressivo passa a ser, portanto, nos dias atuais a chama reacesa para, na condição contemporânea, dar sentido, estimular, fortalecer a luta contra a discriminação e seus efeitos. Vem, agora, iluminar uma parte do passado, aquele que salta aos olhos pela enfática referência contida nas estatísticas onde os negros são a maioria dos socialmente excluídos. Quilombo vem a ser, portanto, o mote principal para se discutir uma cidadania negada (Leite 2000, 349)

É dentro dessa lógica aquilombada, que o Vai-Vai busca ao longo da sua história se manter como um local de resistência de uma cidadania que foi negada, e ela se dá através do ponto de vista cultural, artístico e, até mesmo, religioso, já que as escolas de samba representam um ambiente de relação entre o sagrado e profano, entre a festa e a fé.

[..] a complexidade do sagrado obriga-nos a analisar as implicações decorrentes do modo como ele é vivido e das múltiplas faces que assume na sociedade. Ou seja, o sagrado está presente nos círculos sociais vinculados à experiência religiosa, mas nem por isso deixa de transcender esses círculos para instaurar-se noutras esferas em que dialoga, de maneira complexa com o profano (Pereira 2004, 44).

Ao entrar na quadra do Vai-Vai, um ambiente sagrado se estabelece. Dividindo o espaço com fantasias, instrumentos e troféus – a agremiação é a maior campeã do carnaval paulistano, sendo 15 títulos no Grupo Especial, e um no Grupo de Acesso –, estão altares, mantidos de forma ostensiva, com suas velas acesas, flores e outras oferendas, onde convivem imagens de santos católicos e de orixás dos cultos africanos. Lá estão Nossa Senhora Aparecida, São Cosme e Damião, Oxum, Obaluayê, Iansã, Santa Bárbara, entre outros. Além de diversas imagens de São Jorge, que dentro da estrutura do sincretismo religioso, é associado à Ogum (Valente 1955), orixá padroeiro da escola.

Além das divindades que ocupam os diversos altares, em outro espaço da quadra, há um elemento, não religioso, mas que tem sua importância dentro da quadra, como se também fosse uma divindade, e que recebe suas próprias honrarias e reverências.

Do outro lado, de frente para todos os altares, em cima do bar foi construído um pequeno palco, onde está o imponente pavilhão da escola, o símbolo maior, que não pode ser retirado, dando a impressão que ele está assentado. Para os sambistas a bandeira é como se fosse uma divindade (Alexandre 2017, 123).

A vivência religiosa dentro do Vai-Vai inclui também cuidados mais específicos, visto que para além da simbologia das divindades representadas em seus altares, a escola conta com um espaço reservado, onde estão guardados assentamentos de alguns orixás guardiões da agremiação.

Assentamentos são representações físicas dos orixás, formados por elementos que remetem à sua mitologia e seu domínio, onde os devotos acreditam estar plantada a energia vital da divindade. Neles são feitas as oferendas e sacrifícios. Representam a relação direta entre o devoto e o orixá. O assentamento é também um portal de conexão entre o mundo visível e o não visível. É a partir dele, que acontece a circulação, transformação e reposição do axé, a troca de informações entre os mundos. Dessa forma, a presença desses elementos dentro da quadra do Vai-Vai, garante a conexão da escola – e de seus integrantes – com as divindades ali assentadas, bem como com os demais orixás, e também a proteção da integridade espiritual e energética da agremiação.

A presença dos assentamentos em quarto a eles destinado dentro da quadra, faz com que o espaço do Vai-Vai, não seja somente festivo, mas também religioso. E as divindades lá assentadas, precisam de cuidados específicos. E esses cuidados são feitos por mãos especializadas, longe dos olhos da maior parte da comunidade, em momentos fechados, para poucos envolvidos.

A rotina para cuidar do espaço sacralizado envolve idas e vindas do babalorixá à quadra, para limpeza do quarto, dos assentamentos, para limpeza (ebós) em todos os espaços internos e externos com folhas, banhos e defumações e para as oferendas sacrificiais. Nos dias de festas e cultos, o babalorixá diz que não hesita em cumprir todos os preceitos, antes e depois, justificando a realização dos cultos, onde se toca atabaques, se canta em ioruba, se dança devidamente vestido, para louvar os orixás (Alexandre 2017, 128).

Mas se essa parte da vivência religiosa do Vai-Vai é restrita, algumas outras são abertas ao público, contando com a participação da comunidade, curiosos, admiradores da escola e integrantes de outras agremiações. Ao contrário do que pensam as pessoas que não tem relação mais estreita

com o Carnaval, as escolas de samba se mantêm em atividade durante todo ano, com um intenso calendário de festividades e atividades que envolvem diretamente - ou não - o desfile no período do Carnaval. E no caso do Vai-Vai, além das atividades comuns a quase todas as escolas de samba - como ensaios, disputas de samba enredo, anúncio de enredo, apresentação de fantasias, entre outros -, há também uma série de eventos em homenagem à santos e orixás, evidenciando ainda mais a vocação de unir o sagrado e o profano que a agremiação tem.

E no calendário sacro-festivo do Vai-Vai, quem dá início ao ano, abrindo os caminhos, dando o primeiro passo de uma caminhada até o carnaval, é Ogum. Com uma grande festa que conta com uma procissão e uma feijoada, a divindade patrona da escola é celebrada.

OGUM - 4 FACES DE UM GUERREIRO

a) OGUM: O SENHOR DE IRÊ

Ogum é uma divindade muito cultuada até hoje em território yorubá, tendo um rio e um estado com seu nome na Nigéria. Mas sua importância para os povos africanos que o cultuam vai além do aspecto religioso:

Ogum é visto por um lado, como um orixá guerreiro, sanguinário, cruel, instável, dominador e impaciente. Por outro, é aquele que abre os caminhos, mostra novas oportunidades, propicia a força necessária nas disputas e dificuldades do dia-a-dia. É aquele que nos dá os instrumentos materiais necessários à nossa sobrevivência, que garante a nossa segurança, que vence por nós a nossas guerras. Por fim, Ogum é também protagonista de mitos que falam de amores e paixões carnisais, e chega ao ponto de ir à guerra por amor.

Ogum é antes de tudo um herói civilizador: na memória de seu povo, ele está à frente na formação da cultura e da história, personificando os diferentes momentos da própria evolução da humanidade. (Prandi 2019, 23)

Além de divindade, Ogum é conhecido também como uma figura histórica, um grande líder comunitário, que tem em sua biografia grandes feitos e realizações. Ele teria, inclusive, ganhado título de nobreza.

Ogum, como personagem histórico, teria sido o filho mais velho de Odùduà, o fundador do Ifé. Era um temível guerreiro que brigava sem cessar contra os reinos vizinhos. Dessas expedições, ele trazia sempre um rico espólio e numerosos escravos. Guerreou contra a cidade de Ará e a destruiu. Saqueou e devastou muitos outros Estados e apossou-se da cidade de Ire, matou o rei, aí instalou seu próprio filho no trono e regressou glorioso, usando ele mesmo o título de: “Onîrê” (Rei de Ire) (Verger 1981, 40)

Uma tradição entre os Yorubás - em virtude da grande importância que as relações familiares e de ancestralidade têm na cosmogonia e filosofia do

grupo étnico – é elevar pessoas que tiveram destaque durante a vida, com feitos notáveis, seja para a comunidade, ou para a família, ou em qualquer outra circunstância, ao status de divindade. E com Ogum não foi diferente. Contam os mitos que ao retornar a Irê, após passar uma temporada em Ifé, reino de seu pai, Odùduà, Ogum achou que não era reconhecido por seus súditos. Ele sentia fome e sede, e por mais que solicitasse alimento e bebida às pessoas de Irê, ninguém o atendia. Como se sentiu desprezado pelos moradores do seu próprio reino, Ogum foi tomado por revolta e ira, e saiu quebrando toda a cidade. Ainda não contente, passou a cortar a cabeça de quem cruzasse seu caminho, promovendo um grande massacre, banhando as ruas de Irê com o sangue de seus moradores. Após um tempo, o filho de Ogum vem a seu encontro, trazendo suas comidas e bebidas favoritas, e prestando todas as honras que um rei merece. O jovem explica então ao pai que, em razão de um ritual em homenagem aos ancestrais que estava em curso, todos deveriam fazer silêncio absoluto, e por isso as pessoas não estavam dirigindo a palavra a ele. Ogum então, envergonhado e arrependido de seu momento de cólera e intolerância, decide que não deve mais viver, se refugia na mata devido a seu tormento, e passa a seu auto martirizar. Já sem possibilidade de perdoar a si próprio, como último ato, Ogum cravou seu facão no solo, que se abriu e o tragou para dentro. Nesse momento Ogum deixa de ser humano e passa a ser orixá (Prandi 2001). Se torna o senhor da guerra, dos caminhos, da tecnologia. Ogum se torna o herói civilizador do povo yorubá.

b) OGUM CHEGA AO BRASIL

E é assim, como divindade, que Ogum atravessa o Oceano Atlântico e aporta no Brasil, na companhia dos homens e mulheres negros, que vieram para o novo mundo escravizados. Assim como os demais Orixás, cultuados na área que hoje é Nigéria, Togo e parte do Benin, Ogum faz parte do panteão e sistema organizacional, que no Brasil tornou-se a base e se institucionalizou como Candomblé da Nação Ketu, que se baseia nas práticas e devoções de origem yorubá (outras Nações se originam a partir da devoção de outras divindades, cultuadas por outros povos, como os Nkisses, do Candomblé de Angola, e os Voduns, celebrados no Candomblé Jeje).

Dentre os principais domínios atribuídos a Ogum em sua terra de origem, alguns acabaram sendo ou suprimidos, ou destinados a outras divindades, como a agricultura, que no Brasil acaba sem um orixá protetor, ou a caça, que acaba sendo conferido à Oxóssi, divindade originalmente cultuada no reino de Ketu, na Nigéria - que, no Brasil, miticamente se relaciona a Ogum como se fossem irmãos (Verger 1981).

Assim, no Candomblé nascido em terras brasileiras, Ogum é a divindade relacionada ao trabalho, aos avanços tecnológicos, ao ferro, ao aço, e em especial à guerra. Suas representações no Brasil assumem elementos com referenciais bélicos, se assemelhando a guerreiros de origem europeia, como os templários. O kufi³, tradicionalmente usado pelo orixá na Nigéria, é substituído pelo elmo, bem como os facões que abrem caminhos, são substituídos por espada e escudo.

c) OGUM CONHECE JORGE

São Jorge é um santo católico, que teria vivido por volta do fim do século III, na região da Capadócia, que hoje está na região da Turquia. A tradição popular diz que

Ainda criança perdeu o seu pai, e sua mãe o levou para a Palestina, educando-o para a carreira militar. Sua dedicação e habilidade levaram o imperador Diocleciano a lhe conferir o título de Tribuno. Jorge torna-se cristão, mas com a idade de vinte e três anos passou a residir na corte imperial romana, exercendo altas funções (Marques e Morais 2011, 4)

Quando Diocleciano decidiu matar todos os cristãos que, ele acredita, poderiam ameaçar o poder de seu império, houve um dia que o decreto com sua decisão seria anunciado a todos, Jorge se manifestou, se dizendo contra aquela atitude. Diocleciano irado com a postura do cavaleiro, mandou que fosse preso e torturado, para que renegasse sua fé. Periodicamente, o prisioneiro era levado ao Imperador, para que ele verificasse se Jorge já havia abandonado o cristianismo, o que era sempre negado. Diante da situação, o Imperador condena o soldado a morte, e ele é degolado em 23 de abril de 303 d.C. E essa é a data escolhida para a celebração do, agora, mártir (Jorge 1958).

A fé em Jorge se expande pela Europa e ele se torna o Padroeiro oficial de Portugal, e é juntamente com a Família Real Portuguesa - que saiu fugida das invasões napoleônicas na Europa - que a primeira imagem do santo, já com sua iconografia construída em torno do cavaleiro que monta o cavalo e derrota um dragão, chega ao Brasil.

Em terras brasileiras, um fenômeno religioso se estabelece desde que os negros começaram a expressar sua fé: O sincretismo.

Como conceitua o estudioso holandês Andre Droogers, o termo sincretismo é dotado de dois sentidos, sendo o primeiro deles bastante objetivo significando “mistura de religiões”, e outro, de forma mais subjetiva, significando

3. O kufi é uma espécie de boné arredondado, sem aba, muito utilizado por homens em diversas regiões da África e sul da Ásia. Os sacerdotes e devotos de Ogum costumam utilizar um modelo alongado, que cai para um dos lados. Muitas representações da divindade, aparecem utilizando o mesmo modelo.

a avaliação social dessa mistura (Droogers 1989). O autor ainda lembra o quanto o sentido da palavra foi se transformando ao longo do tempo, e que tal transformação de objetivo em subjetivo tem raízes históricas.

No Brasil, fenômeno do sincretismo – em especial, o religioso – no Brasil, tem sido estudado por diversos autores, em diversas épocas. Desde o pioneiro sobre os estudos de religiosidade afro-diáspórica no Brasil, Nina Rodrigues (apesar do autor não utilizar esse termo) até às atuais discussões sobre re-africanização do candomblé, promovidas por grupos ativistas e sacerdotes de todo o país.

Para esse artigo, tomaremos como referência uma perspectiva⁴ apresentada por Reginaldo Prandi (1998), por julgar que alguns dos aspectos apresentados pelo autor, se afinam com o universo devocional e sincrético da escola de samba.

Para Prandi (1998, 153), um dos maiores obstáculos para os africanos e seus descendentes reviverem fielmente sua religiosidade, foi uma grande contradição:

na origem, as religiões dos bantos, iorubás e fons são religiões de culto aos ancestrais, que se fundam nas famílias e suas linhagens, mas as estruturas sociais e familiares às quais a religião dava sentido aqui nunca se reproduziram.

Como a realidade do negro no Brasil muito pouco (ou nada) tinham a ver com família, visto que, a partir do tráfico, as famílias, tribos, etnias eram desfeitas, um dos aspectos pilares da religiosidade cotidiana vivida em África não pode ser refeita no Novo Mundo. Assim, os ancestrais e familiares divinizados (conhecidos como *egungun* na tradição yorubá), que tinham extrema importância nas terras de origem, acabam perdendo espaço nos cultos reconstruídos de forma fragmentada. Assim, os orixás, divindades de culto mais amplo e genérico, pois representavam elementos da natureza e condições da vivência humana, e não, necessariamente, relações familiares, ganham mais destaque nos ritos e cultos recriados no Brasil.

E um ponto de importância apresentado por Prandi para a conexão entre os negros escravizados e o catolicismo, está na identidade:

Se a religião negra, ainda que em sua reconstrução fragmentada, era capaz de dotar o negro de uma identidade negra, africana, de origem, que recuperava ritualmente a família, a tribo e a cidade perdidas para sempre na diáspora, era por meio do catolicismo, contudo, que ele podia se encontrar e se mover no mundo real do dia-a-dia, na sociedade do branco dominador, que era o responsável pela garantia da existência do negro, ainda que em condições de

4. Para outras interpretações e aspectos do sincretismo nas religiões afro-diáspóricas, consultar Valente (1977); S. Ferretti (1995); Sanchis (1995).

privação e sofrimento, e que controlava sua vida completamente. Qualquer tentativa de superação da condição escrava, como realidade ou como herança histórica, implicava primeiro a necessária inclusão no mundo branco. E logo passava a significar o imperativo de ser, sentir-se e parecer brasileiro. Os negros não podiam ser brasileiros sem ser ao mesmo tempo católicos (Prandi 1998, 154).

Assim, socialmente, o negro encontrava seu lugar a partir das práticas e rituais católicos, e a religião, por sua vez, com seu caráter de cultura de inclusão à época, sendo a religiosidade (praticamente) hegemônica no país, e mantendo seu status quo, não se opôs a presença dos negros, e também fez vistas grossas para as práticas ainda promovidas pelos negros, e que, de certa forma adotaram também os santos em relações com as divindades vindas da África.

Ainda segundo Prandi (2001b), o sincretismo não é somente uma associação entre um santo católico e um orixá africano. O processo é mais complexo. O sincretismo representa a captura da religião dos orixás dentro de um modelo que pressupõe, antes de mais nada, a existência de dois pólos antagônicos que presidem todas as ações humanas: o bem e o mal; de um lado a virtude, do outro o pecado. Essa concepção, que é judaico-cristã, não existia na África (Prandi 2001b, 51).

Com as religiões de matriz africanas, ainda em processo de desenvolvimento, suas preocupações eram outras. Essas novas práticas religiosas estavam

desobrigadas, desde o nascimento, das questões referentes à administração da justiça, que pressupõe princípios universalistas e pactos coletivos acima dos desejos individuais, posto que isso era domínio exclusivo da religião geral da sociedade geral, o catolicismo; desinteressadas de conteúdos formadores da pessoa para o mundo profano, porque o modelo aqui é branco (Prandi 1998, 155)

os devotos dos orixás puderam, então, encontrar novas formas de culto para seus deuses, encontrando correspondências num sistema hierárquico – e maniqueísta – semelhante aos dos santos católicos. Se do lado do bem do catolicismo estão Deus Pai, Deus Filho e o Espírito Santo, bem como, abaixo deles, todas as possibilidades de anjos e santos, enquanto do lado oposto está o Diabo e todas suas denominações, com as divindades de origem africana, a mesma lógica se seguiu.

O lado do bem, digamos, foi assim preenchido pelos orixás, exceto Exu, ganhando Oxalá, o orixá criador da humanidade, o papel de Jesus Cristo, o deus Filho, mantendo-se Oxalá no topo da hierarquia, posição que já ocupava na África, donde seu nome Orixanlá ou Orixá Nlá, que significa o Grande Orixá. O remoto e inatingível deus supremo Olorum dos iorubás ajustou-se à concepção do deus Pai judaico-cristão, enquanto os demais orixás ganharam a identidade de santos. Mas ao vestirem a camisa-de-força de um modelo

que pressupõe as virtudes católicas, os orixás sincretizados perderam muito de seus atributos originais, especialmente aqueles que, como no caso da sexualidade entendida como fonte de pecado, podem ferir o campo do bem (Prandi 2011b, 51)

Assim, práticas devocionais a certos orixás foram abandonadas em nome de um sistema religioso que buscava uma visão de mundo maniqueísta. Dessa forma, os orixás foram se aproximando de santos (e vice-versa) e suas mitologias, cultos e devoções cada vez mais partilhados. É nesse contexto, que em algumas regiões do Brasil – como no Sudeste – Ogum e São Jorge se aproximam. E o principal fator que os une é a relação com a guerra.

São Jorge, segundo consta, nascido na Capadócia (atualmente território turco), se aproxima do imaginário de Ogum pela qualidade de soldado montado em seu cavalo branco (símbolo da pureza), lutando contra um dragão (o mal, Satanás), representados comumente pelas imagens comercializadas nas casas de Umbanda. (Marques e Morais 2011, 10)

E a parceria Jorge-Ogum encontra no imaginário brasileiro um lugar especial, de devoção, carinho, ultrapassando, inclusive, os limites da religiosidade, sendo as divindades celebradas até mesmo por pessoas não religiosas.

d) OGUM CAI NO SAMBA

De acordo com a doutrina do candomblé, cada pessoa carrega em si uma divindade. Cada indivíduo é filho de determinado orixá.

Seja dentre os yorubás tradicionais, seja entre os brasileiros e outros povos americanos que foram influenciados pelos africanos, os orixás são divindades primordiais, que receberam de Olodumare (o deus supremo) a missão de criar e manter o mundo, sendo então responsáveis, cada um por elementos da natureza, ou ainda aspectos da vida em sociedade ou da natureza humana (Prandi 2001, 20). Assim, por exemplo, Xangô domina o fogo e os raios, bem como a justiça; Oxum rege as águas doces e o campo afetivo; Oxumaré é o próprio arco-íris e o símbolo de transformações, e etc. E, assim como a vida, o culto aos orixás é dinâmico:

Na África, maioria dos orixás merece culto limitado a determinada cidade ou região, enquanto uns poucos têm culto disseminado por toda ou quase toda extensão das terras iorubas⁵. Muitos orixás são esquecidos, outros surgem em novos cultos. O panteão iorubano na América é constituído por uma vintena de orixás e, tanto no Brasil como em Cuba, cada orixá, com poucas exceções, é celebrado em todo o país. (Prandi 2001, 20)

5. A yorubalândia, como era conhecida a região da África habitada pela etnia yorubá antes da chegada dos Europeus, compreende a área que hoje está parte da Nigéria, Togo e Benin.

Já no campo religioso, o filho dedicado a tal orixá, lhe deve devoções, rituais, oferendas e outras práticas em busca de uma vida melhor. E esse orixá irá, inclusive, determinar as características e comportamentos da pessoa, de acordo com o que diz o arquétipo da divindade.

E para quem tem fé, assim como as pessoas, as instituições também têm seus santos protetores, ou ainda, orixás regentes. E é seguindo esse pensamento que a relação do Vai-Vai com Ogum se estabelece: A agremiação é “protegida e abençoada por Ogum”⁶.

A relação da escola com as divindades de candomblé tem início com a gestão do presidente Chiclé⁷, um assumido praticante dos cultos afro, filho de Oxóssi, e quem assentou pela primeira vez as divindades sagradas, dentro do espaço profano, pelas mãos de Dona Nenê, Ialorixá que cuidava do terreiro frequentado por Chiclé. E, no ano de 1972 (ano que Vai-Vai deixa se ser Cordão Carnavalesco para se tornar Escola de Samba) por lá chegaram Exu e Ogum (Alexandre 2017).

Ogum, além de estar sempre presente na vida religiosa do Vai-Vai a partir do momento que ela foi incorporada à agremiação em 1972, é alçado ao posto de padroeiro da Escola a partir de 2010, quando o presidente Neguitão⁸ assume o comando da agremiação. Praticante de Candomblé, Neguitão é devoto de São Jorge e filho de Ogum, o que explica sua decisão. Com o orixá assumindo de forma oficial a regência da escola, mais uma festa religiosa entra para o calendário oficial do Vai-Vai: A feijoada de Ogum.

A feijoada de Ogum é a primeira festa religiosa que acontece no calendário anual do Vai-Vai. Segundo Pai Francisco de Oxum – sacerdote responsável pelas atividades religiosas da agremiação à época - a criação da festa e sua inclusão no calendário oficial da escola foi uma solicitação direta de Neguitão, assim que ele assumiu a presidência do Vai-Vai em 2010, e prontamente aceita pela comunidade (Alexandre 2017). E é nessa feijoada que, oficialmente, se abrem os preparativos para o Carnaval seguinte. Segundo Pierre Verger, Ogum cuja importância “está associada ao fato de que sem a sua permissão e sua proteção, nenhum dos trabalhos, e das atividades úteis e proveitosas seriam possíveis. Ele é então e sempre, o primeiro e abre o caminho para os outros orixás” (Verger 1981). Por esse motivo, o ano do Vai-Vai começa com Ogum.

6. Verso do samba-enredo “Quilombo do Futuro”, que embalou o desfile de 2019 da escola Vai-Vai. Compositores: Edegar Cirillo, Marcelo Casa Nossa, André Ricardo, Dema, Gui Cruz, Rodolfo Minuetto, Rodrigo Minuetto e Kz.

7. José Jambo Filho, o Chiclé foi presidente da Vai-Vai entre os anos de 1972 e 1992.

8. Darli Silva, conhecido como Neguitão, foi presidente da Vai-Vai de 2010 até sua conturbada saída da escola, em 2019, quando a escola pela primeira vez foi rebaixada para o Grupo de Acesso, e Neguitão se viu em meio a uma série de denúncias, entre elas de desvio de verba.

A feijoada de Ogum é dividida em dois momentos, o religioso e o festivo. Com início ainda na parte da manhã, a quadra é organizada para o início da procissão. Carregada em um andor, a imagem de São Jorge em tamanho natural segue pelas ruas da Bela Vista, acompanhado pela bateria da escola, componentes, diretores, integrantes de agremiações co-irmãs e líderes religiosos convidados. Durante o trajeto, a procissão faz uma parada na Igreja de Nossa Senhora Achiropita – a santa padroeira do Bairro da Bela Vista –, onde recebe as bênçãos do pároco, antes de seguir de volta à quadra, para dar continuidade às festividades.



FIGURA 1
Feijoada de Ogum
2017. Foto:
Haroldo Nogueira/
SHEZ

Na volta à quadra, São Jorge cede o espaço à Ogum, que será agora reverenciado pela comunidade. E não somente ele. Seguindo a lógica das casas de candomblé, diversas divindades são saudadas, como num xirê⁹. Começando com Exu, que recebe seu *padê*¹⁰, seguido por Ogum, Oxóssi e outros orixás. A cada um deles é oferecido uma série de cantigas, que são acompanhadas por danças, palmas e muita alegria por parte dos participantes.

Ao final da cerimônia, é servida a feijoada - alimento tradicionalmente associado à Ogum¹¹ - a todos os presentes. Por volta das 18h acontece um dos momentos mais importantes para uma escola de samba: é anunciado oficialmente o enredo para o ano seguinte. E a comunidade segue com a festa, com o samba ocupando as ruas do Bixiga até altas horas. Agora, com as bênçãos de Ogum (e São Jorge), o carnaval (re)começa.

A última edição da Feijoada e Procissão de Ogum aconteceu em 2018. Em 2019, por questões internas, a festa que aconteceria em fevereiro, foi cancelada, já em 2020 e, até o momento, 2021, a festividade não ocorreu em virtude da pandemia de covid-19.

ESPETÁCULO E RITO NO ANHEMBI: 4 VEZES OGUM

Mas não é somente no cotidiano, nas festas e eventos que o Vai-Vai e seus componentes expressam sua sincrética fé. Essa vivência acaba acontecendo também nos desfiles que a agremiação apresenta nos carnavais.

Apesar de ter sua história e cotidiano muito relacionados a negritude e a religiosidade negra, poucos enredos que foram levados para a avenida, apresentaram de forma explícita essa temática. Nesses 90 anos de histórias, Vai-Vai apresentou *Orun Aiyê – O eterno amanhecer* (1982 - Campeã), *Amado Jorge, A história de uma raça brasileira* (1988 - Campeã) e *No*

9. O Xirê, momento organizado para que os orixás desçam à Terra para celebrar a vida com alegria e festividade junto aos seus filhos, é a ocasião em que a festa se desvela publicamente. Ao toque dos atabaques (Rum, Rumpí e Lé) se estabelece a ligação entre o Orum (morada dos orixás) e o Ayê (a Terra). Para tanto, a mãe ou o pai de santo utilizam um instrumento chamado adjá (pequena campã de cabo longo) para provocar a chegada dos orixás (Silva, 2010, p. 105).

10. Sendo Exu o mensageiro entre o mundo dos homens e o mundo dos Orixás, é a primeira divindade a ser louvada e oferendada. E essa primeira oferenda é o *padê*, feito para que Exu possa garantir a ordem das atividades e fazer a comunicação entre os fiéis e os deuses. Para detalhes sobre a cerimônia, ver Bastide 2001, 34.

11. O feijão preto torrado ou cozido no azeite de dendê é ainda uma oferenda feita para Ogum em terras africanas, e também nas Casas de Candomblé. Já a associação da feijoada ao orixá, acontece por conta de Pai Procópio de Ogum, sacerdote do terreiro Ogunjá, localizado em Salvador: “Outro ponto importante na vida de pai Procópio é que em seu barracão nasce o ritual da feijoada de Ogum, segundo o relato: ‘Um dia Procópio estava comendo em sua casa. Chegou um filho de santo, com quem ele tinha brigado. Então Procópio manda ele embora com outra briga. Com isso comete um grande erro para o candomblé: negar comida a um filho de santo. O santo pegou Procópio e falou que ele estava multado. Na semana seguinte ele deveria fazer uma feijoada no terreiro convidando todo mundo.’” (Entrevista realizada com Mãezinha, afilhada de Procópio, por Ricardo Oliveira de Freitas) (Veiga 2012, 176)

Xirê do Anhembi, a Oxum mais bonita surgiu... Menininha, mãe da Bahia, Ialorixá do Brasil (2017 – 3º lugar). Outros enredos de temática afro foram apresentados pela escola, como *O Negro em Forma de Arte* (1991, 3º lugar) e, mais recentemente, *Sambar com fé* (sobre o cantor e compositor Gilberto Gil, 2018 – 10º lugar), *Quilombo do Futuro* (2019, 14º lugar – rebaixada ao grupo de acesso) e, no próximo carnaval – possivelmente 2022 -, *Sankofa*.

No entanto, mesmo em desfiles que não fossem explicitamente religiosos ou mesmo de temática afro, a presença de representações de orixás é uma constante em desfiles do Vai-Vai, fato que se acentuado a partir de quando Neguitão assume a presidência da escola, em 2010.

Foi na cobertura do carnaval de 2011 que o silêncio foi quebrado, através da mídia. Naquele ano, a escola de samba homenageou o maestro João Carlos Martins, falando sobre a trajetória de sucesso e superação do artista, com o enredo “A música Venceu”. Com um espetáculo surpreendente a escola foi campeã e em rede nacional teve sua religiosidade assumida. O presidente, Darli Silva (Neguitão), ao fazer os agradecimentos em rede nacional não escondeu a gratidão: “Agradeço primeiramente ao meu pai Ogum, meu protetor, a toda comunidade e a esse anjo que é o maestro João Carlos Martins”. E completou: “Ele [Ogum] é meu pai protetor, que está comigo nas batalhas e não me deixa só...” (Portal G1, 08/03/2011). Neguitão, em poucas palavras, estava revelando sua devoção ao agradecer à divindade, mas não em uma atitude individual. Ele reverenciara o orixá Ogum em nome de toda uma comunidade (Alexandre 2017, 20-21).

Mas ainda no ano anterior à declaração de Neguitão, quando Vai-Vai levou para a avenida o enredo *80 Anos de Arte e Euforia, “É Bom no Samba, É Bom no Couro”*. *Salve o Duplo Jubileu de Carvalho*, que celebrou os 80 anos da Copa do Mundo da Fifa, e também os 80 anos da Escola, a devoção ao orixá guerreiro ficou explícita no desfile. Ogum abria o caminho e estava no abre-alas da escola. Para representar a celebração do Jubileu de Carvalho da agremiação, uma imensa escultura do Ogum, toda espelhada, carregando uma bigorna, era o grande elemento do último chassi da alegoria, que era dividido em três partes. O senhor dos metais “baixava” no Anhembi, se anunciando como o patrono e regente da agremiação.



FIGURA 2
Abre-alias do
Vai-Vai em 2010.
“Império Africano,
80 anos de Glória”.
Reprodução
Instagram.

Já no final da década de 2010, quando o Vai-Vai passa a abordar de forma mais evidente temas relacionados a negritude nos enredos dos anos de 2017, 2018, a presença de Ogum se tornou constante, e ele esteve nos três desfiles.

Em 2017, no enredo mais explicitamente afro-religioso que a escola já trouxe pra avenida, *No xirê do Anhembi, a Oxum mais bonita surgiu - Menininha, mãe da Bahia - Ialorixá do Brasil*, dentre as diversas representações de divindades do candomblé que formavam o cortejo, além de uma ala dedicada à Ogum, a agremiação trouxe também um elemento alegórico, com uma representação bastante estilizada da divindade.



FIGURA 3
Ala "Ogum", parte do desfile de 2017. Foto: Armando Bruck. Reprodução SASP.

Sambar com Fé foi o enredo de 2018 e contou a história do cantor e compositor Gilberto Gil. Dentre tantos momentos e canções que marcaram a trajetória do artista baiano que o Vai-Vai trouxe para a avenida, a última alegoria - onde o homenageado estava presente - era adornada por uma série de representações de orixás, formando um verdadeiro xirê. Bem à frente do carro estava o patrono da escola, Ogum, ao lado de Exu, outra divindade bastante cultuada dentro da vivência religiosa da agremiação.

Finalizando essa "trilogia afro", em 2019 Vai-Vai apresenta seu *Quilombo do Futuro*, o enredo mais abertamente crítico e social, com diversas referências ao racismo, violências e opressões sofridas pelos negros, em diversas partes do mundo e, em especial, no Brasil. Aqui Ogum surge no fundo do carro abre-alas, chamado "Legado Civilizatório da África", representando assim, além de seu arquétipo mais conhecido, o senhor da guerra, mas também o grande herói civilizador do povo yorubá.



FIGURA 4
Carro "Gil, filho de Gandhi", de 2018, com a imagem de Ogum ao lado do homenageado. Foto: Amantes do Carnaval



FIGURA 5
Abre-alas de 2019 "Legado civilizatório da África". Reprodução Instagram

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Vai-Vai é uma das instituições carnavalescas mais tradicionais da cidade de São Paulo. Com origem relacionada aos festejos de Bom Jesus, na cidade de Pirapora, ela carrega em sua essência a religiosidade, que faz parte do cotidiano e vivência da agremiação e seus componentes.

Com o passar dos anos, a chegada de novos integrantes, mudanças sociais e históricas no Bixiga fizeram com que diferentes elementos religiosos fossem incluídos no cotidiano da escola. O principal deles foi a incorporação da religiosidade afro-diáspórica, em especial, com a chegada das divindades do Candomblé.

O Vai-Vai ostenta em seu espaço físico de modo visível essa devoção que lhe é tão característica, com altares adornando e protegendo a quadra. E também, num pequeno quarto, estão os assentamentos de orixás, o que torna aquele ambiente sacralizado.

Mas como o espaço é, acima de tudo, de festa, os ritos sagrados se mesclam aos festivos, e ali se vivem as festas em homenagens santos e orixás fazem parte do calendário oficial da escola.

E não é somente na vivência cotidiana que o Vai-Vai expressa sua fé. Ela chega também ao momento em que as escolas de samba ganham o maior destaque: os desfiles de carnaval. Por mais que a escola carregue com orgulho sua negritude, e seja um espaço de resistência, poucos enredos abordaram temas explicitamente afro (religiosos) ao longo de sua trajetória de 90 anos, apesar de que a escola sempre traga homenagens às divindades de origem afro, seja em alegoria, ou fantasias de alas ou destaques. Ogum, orixá padroeiro da agremiação, ganha destaque nessas representações, em especial em 2010, ano em que ele é oficializado como entidade protetora da Escola, e em anos que Vai-Vai trouxe para a avenida enredos explicitamente mais relacionados às questões de negritude, seja pelo viés religioso, artístico ou social.

Assim, o Vai-Vai representa em si, a própria expressão do sincretismo religioso. Em seu espaço sacralizado para realização da festa profana, são celebrados em mesmo grau de importância e fés santos, orixás, e a própria escola que, na visão de seu sambista é também uma divindade, digna de louvação.

Ao vivenciar a religiosidade cotidiana dentro do ambiente do Vai-Vai, e reverenciar a própria agremiação como uma divindade, os componentes já celebram a herança e ancestralidade afro, que tanto pauta a vivência da agremiação em seu dia-a-dia.

E é dessa forma, a partir de uma manifestação da intrínseca relação entre sagrado e profano, sincretismo religioso e festa, que fazem parte da concepção social do carnaval paulistano, é que surge – e resiste – o Vai-Vai, sua religiosidade híbrida, sincrética e única.

*Ògun yé, mo yé!*¹²

BIBLIOGRAFIA

- Alexandre, Claudia Regina. 2017. *Exu e Ogum no terreiro de samba: um estudo sobre a religiosidade da escola de samba Vai-Vai*. 166 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Bastide, Roger. 2001. *O candomblé da Bahia*. São Paulo: Editora Companhia das Letras.
- Baronetti, Bruno Sanches. 2015. *Transformações na Avenida: história das escolas de samba da cidade de São Paulo (1968-1996)*. São Paulo: Editora LiberArs.
- Faislon, Leonardo Lázaro; Benedicto, Ricardo Matheus. 2020. *Candomblé: Axé e Ancestralidade como categoria analítica afrocêntrica*. 25 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde.
- Ferreti, S. F. 1995. *Repensando o sincretismo: estudo sobre a Casa das Minas*. São Paulo: Edusp; São Luís: Fapema.
- Jorge, Fred. 1959. *História de São Jorge*. Prelúdio.
- Leite, Ilka Boaventura. 2000. *Os Quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas*. Etnográfica. V.4, n. 2, p. 333-354.
- Marques, Adilio Jorge Marques, Morais, Marcelo Afonso. 2011. *O sincretismo entre São Jorge e Ogum na Umbanda: Resignificações de tradições europeias e africanas*. In: Anais do III Encontro Nacional do GT História das Religiões e das Religiosidades – ANPUH - Questões teórico-metodológicas no estudo das religiões e religiosidades. IN: Revista Brasileira de História das Religiões. Maringá (PR) v. III, n.9, jan/2011.
- Pereira, E. de A. 2004. *Elos do carnaval*. Celebração. Diálogo, Revista de Ensino Religioso, São Paulo: Editora Paulinas, v. 33, p. 44.
- Prandi, Reginaldo. 1998. *Referências sociais das religiões afro-brasileiras: sincretismo, branqueamento, africanização*. In: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 151-167, jun. 1998.
- Prandi, Reginaldo. 2001. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo, Companhia das Letras.
- Prandi, Reginaldo. 2001. *Exu, de mensageiro a diabo – Sincretismo católico e demonização do Orixá Exu*. Revista USP, São Paulo, n.50, p. 46-63, junho/agosto 2001.
- Prandi, Reginaldo. 2019. *Ogum: caçador, agricultor, ferreiro, trabalhador, guerreiro e rei*. Rio de Janeiro, Editora Pallas.
- Sanchis, P. 1995. *As tramas sincréticas da história*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, n. 28, p. 123-130, jun. 1995.
- Scarlato, Francisco Capuano. 1988. *O Real e o Imaginário no Bexiga, São Paulo*, tese de doutorado, FFLCH-USP.
- Silva, Mary Anne Vieira da. 2010. *Xirê – A festa do candomblé e a formação dos “entre-lugares”*. In: Revista Habitus - Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, Goiânia, v. 8, n. 1/2, p. 99-117, jan./dez.

12. Saudação a Ogum, que significa, em tradução livre “Se Ogum está vivo, eu estou vivo!”

- Souza, Marina de Mello E. 2005. *África e Brasil africano*. 2. ed. São Paulo: Ática.
- Valente, Waldemar. 1955. *Sincretismo religioso afro-brasileiro*, São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- Veiga, Rychelmy Imbiriba. 2012. *Um sacerdote resistente: a trajetória de Pai Procópio de Ogum*. In: Anais do IV Encontro de História: História, Racismo e Religiosidades Negras/I Encontro Nacional do Laboratório de História Afro-Brasileira, Maceió, 23 a 26 de Outubro de 2012 [recurso eletrônico], Universidade Federal de Alagoas, Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes, Curso de História, Maceió: Ufal, 2012.
- Verger, Pierre. 1981. *Os Orixás*. Salvador: Editora Currupio.

Felipe Dias Candido é mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). cursou graduação em Ciências Sociais na Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” (Unesp). E-mail: felipedcandido@gmail.com

Licença de uso. Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Recebido em: 14/05/2021
Reapresentado em: 13/09/2021
Aprovado em: 20/10/2021